

A CASA

Maria Clara Gouvêa



A CASA

Maria Clara Gouvêa / 117051398

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Setor Pintura, Dep. De Artes Base da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Curso de Graduação em Pintura, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Pintura

Rio de Janeiro
2023





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

Trabalho de Conclusão de Curso
A Casa
Maria Clara Gouvêa de Oliveira / 117041398

O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de curso será publicado na Base Minerva/ Sistema Phanteon da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site de Pintura da EBA - UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação do seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação online. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Aprovado em:

Orientação / Prof.

(Inserir titulação e nome do membro da banca 1)

(Inserir titulação e nome do membro da banca 2)

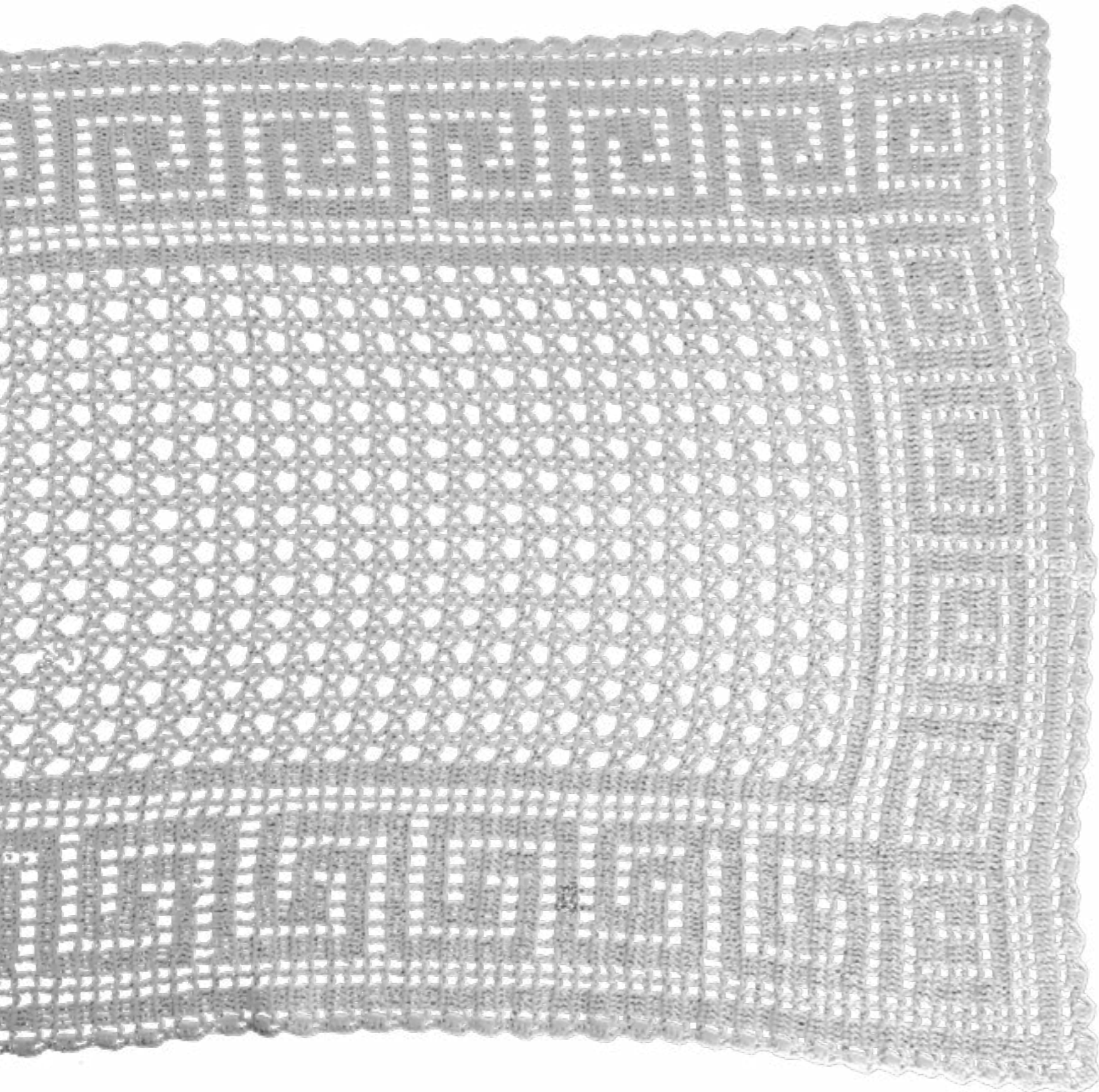
A
D. Cecília
& família



DEDICATÓRIA

Para todos os meus ancestrais que já não estão mais nesse plano, em especial ao meu avô Alfeu que era o meu maior fã e infelizmente não pôde presenciar a conclusão dessa etapa que ele tanto apoiou.

AGRADECIMENTOS



Sou grata à minha mãe Fernanda, minha avó Marcia e meu irmão João Francisco que sempre me apoiaram nas escolhas que fiz e nunca (talvez algumas vezes, mas não tantas quanto poderiam) reclamaram do cheiro e das manchas de tinta pela casa, ou das telas e materiais espalhados pela sala, que numa silenciosa tarde de domingo eram surpreendidos pelo barulho da serra tico-tico cortando compensado e apareciam trazendo apenas admiração e curiosidade para descobrir qual era a próxima novidade que eu estava criando.

À todos os familiares e amigos que me presentearam com materiais de pintura ao longo desses anos.

Ao Renan por todos os mimos e à sua família por me acolher e incentivar nesse momento de redigir minha monografia (e em vários outros também).

Aos amigos que fiz durante a graduação, Danilo, Luiza, Victor, Vinicius, Alice e Miguel, que foram fundamentais para me manter persistente e disposta a ir para o Fundão todos os dias.

Aos mestres e todos os funcionários da Escola de Belas Artes, em especial a minha orientadora Martha Werneck, por toda a ajuda e paciência.

A todos, obrigada.

RESUMO

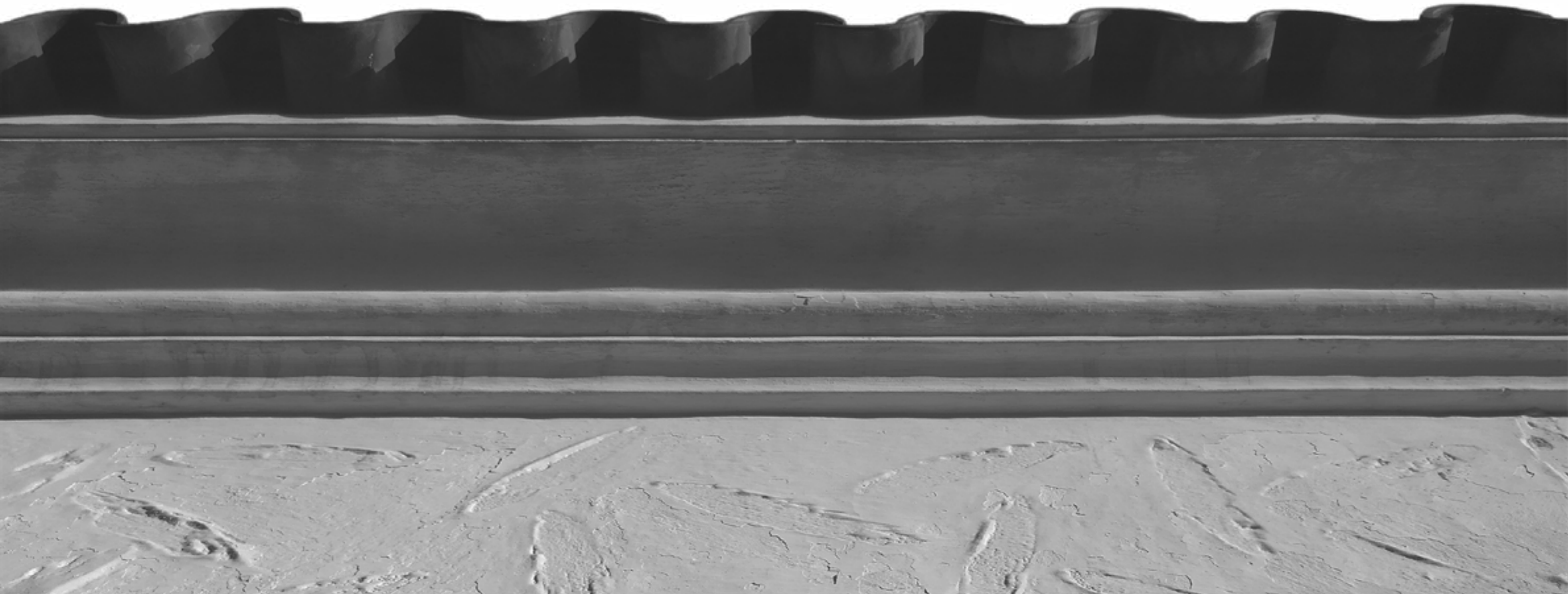
A Casa

Maria Clara Gouvêa

O presente estudo, intitulado "A Casa", teve origem a partir de uma linha de pesquisa que inicialmente explorava as paisagens urbanas ao longo do caminho da minha residência até a universidade. No entanto, a pandemia de COVID-19 trouxe consigo a necessidade de aderir ao isolamento social, adiando o retorno às aulas presenciais. Passando a maior parte do meu tempo em casa, minha pesquisa se concentrou nos pequenos detalhes do ambiente doméstico. Foi surpreendente descobrir padrões abstratos fascinantes e até mesmo fotos antigas da família, que haviam permanecido guardadas por anos.

Nessa jornada exploratória dentro da minha própria residência, uma típica casa de subúrbio carioca, estabeleci uma conexão afetiva com a construção, a ponto de compará-la a uma pessoa. Essa entidade habitacional era detentora de um passado compartilhado com os antigos moradores, e a partir desse ponto, minha pesquisa se aprofundou em temas como materialidade, memória e ancestralidade, explorando esses aspectos de maneira profundamente íntima.

Palavras chave: casa; memória; ancestralidade; esquecimento; perda.





SUMÁRIO

1. Introdução	14
2. A alma	19
3. O corpo	20
4. Nascimento	23
5. Os rostos (resistência e impermanência)	26
6. À Cecília	34
7. Impressão digital	40
8. Pralelo de memórias	60
9. 313	72
10. Objetos estéticos e (que um dia foram funcionais)	76
11. Conclusão	81
12. Bibliografia	82



INTRODUÇÃO

É inegável que hoje por vontade ou não, todos nós, consciente ou inconscientemente, separamos nossas vidas em antes e depois da pandemia de COVID-19. Inevitavelmente esse evento global repercutiu na vida de bilhões de pessoas pelo mundo inteiro e consequentemente também repercutiu na presente produção artística. Considero necessário então citar o caminho que trilhava minha pesquisa antes do confinamento, para que seja possível compreender as mudanças sofridas durante e posteriormente tal acontecimento.

Tudo que é corriqueiro me fascina. Posso despende horas a fio contemplando a banalidade da rotina. Acredito que ao falarmos sobre rotina esteja implícita a presença da repetição e essa por sua vez, de certa forma sempre me incomodou, causando uma certa angústia, como uma pedrinha que sem convite vem viver sob meus pés.

O transporte público foi uma das coisas que me inspirou na hora de ressaltar o incômodo da repetição. A rotina do proletariado brasileiro de passar muitas horas de seu dia dentro de um trem ou ônibus, às vezes ambos, começa muito cedo, já na época da escola. Para muitos se estende até o momento de cessar as suas atividades laborais. Enfim, tantas horas gastas sobre um veículo se locomovendo em alta velocidade me ensinaram a apreciar a repetição, principalmente ao notar tantos rostos desconhecidos que, por partilharem todos os dias aquele transporte no mesmo horário, passaram a ser conhecidos. Também me chamou a atenção a repetição das paisagens vistas durante o trajeto, que nos ajudam a nos localizar no espaço urbano e a calcular a que distância nos encontramos de nossas casas.

A pouca importância que damos a essas paisagens urbanas enquanto fazemos baldeações de transporte para transporte, sem prestarmos muita atenção ao nosso entorno, me despertou algum interesse. Mais especificamente foi em uma rampa ziguezagueante do bairro de Madureira, a qual eu utilizava para fazer o caminho de um ônibus para o outro que de certa forma despertei. Digo despertar porque subia aquela rampa quase em transe, ou como em um episódio de sonambulismo, seguindo sonolentemente todo seu percurso até chegar ao meu destino final, olhar em volta e pensar 'opa, cheguei'. Por vezes imaginei que se em algum momento, do dia para a noite, por alguma intervenção divina ou algo do gênero alguém decidisse dar continuidade àquela rampa, tornando-a infinita, eu a seguiria enquanto ela continuasse, sem perceber que seu fim nunca chegaria.

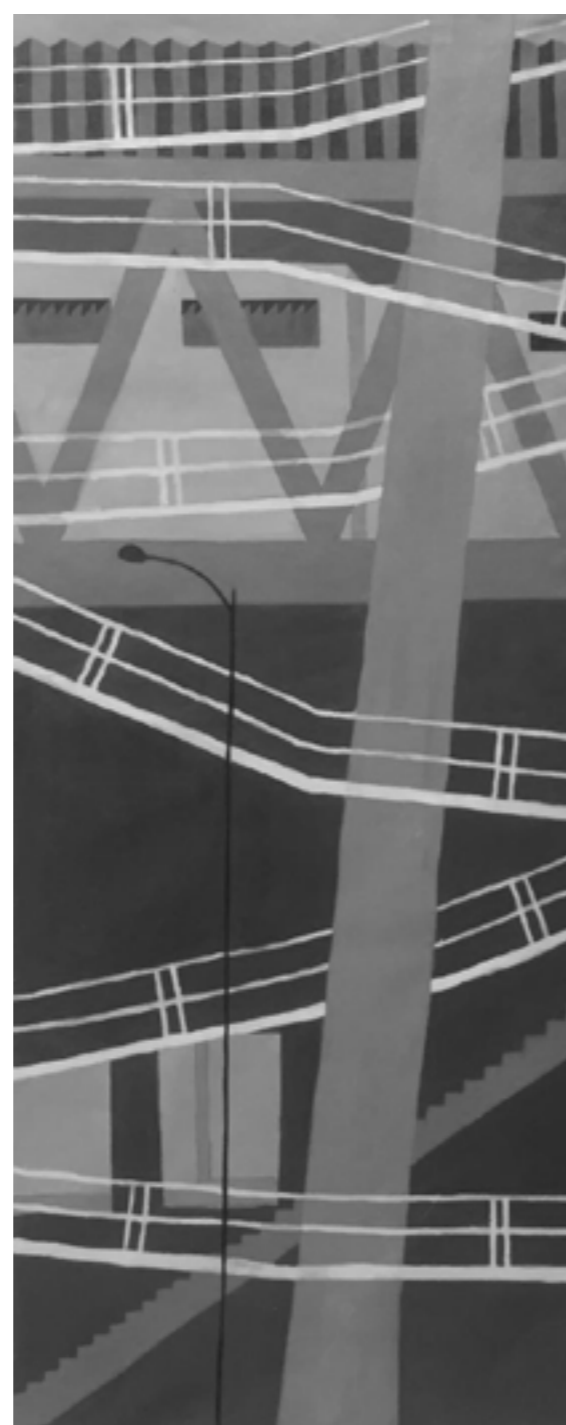


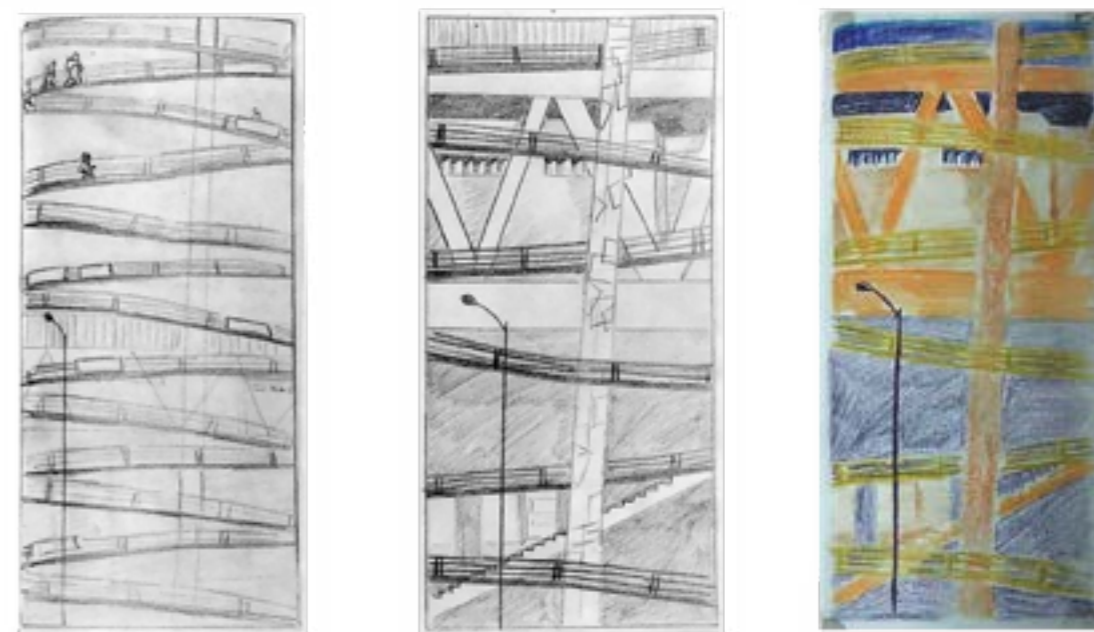
Figura 1: MARIA CLARA. **Next Stop: Madureira**. 2019. Acrílica sobre tecido. 160 x 63cm.
 Figura 2: MARIA CLARA. **Next Stop: Madureira**. 2019. Acrílica

Foi esse pensamento que me fez começar a criar pinturas representando esses cenários. Representações não naturalistas, quase como se fossem saídas de sonhos -ou pesadelos- dessas paisagens que me perseguiam diariamente, ou nesse caso, que eram perseguidas por mim. Assim se deu o processo de criação da pintura a seguir: " Next stop: Madureira".

Contudo, como citei no começo desse texto, o Coronavírus chegou ao Brasil e a contragosto de alguns, mas para a segurança de todos, foi decretado o período de *lockdown* e, além da interrupção das aulas, também se deu a interrupção da minha produção artística que dependia das minhas andanças diárias pelo Rio de Janeiro.

Meu olhar até então acostumado a focar nos espaços externos foi forçado a se adaptar à visão restrita do interior de casa. Não foi uma adaptação fácil mas, se era a beleza de tudo aquilo que é comum o que me atraía, o que poderia ser melhor do que a trivialidade do interior de um lar suburbano para me despertar os sentidos? Apenas precisava de um tempo livre para contemplá-la e isso eu tinha também.

Bachelard diz no primeiro capítulo de seu livro *A poética do espaço* que: "A casa é nosso canto no mundo. Ela é, como se diz frequentemente, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos."¹ Afirmação que pude confirmar através das diversas descobertas que fiz dentro da minha própria casa e, nesse ponto, posso me considerar sortuda pois o universo onde moro atualmente não é apenas meu, foi o universo de várias outras pessoas e gerações da minha família, possibilitando um extenso material em minhas mãos para ser trabalhado.



¹ BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. WMF Martins Fontes; 5ª edição, 2008.

Figuras 3, 4 e 5: Estudos do diário de pesquisa

A ALMA

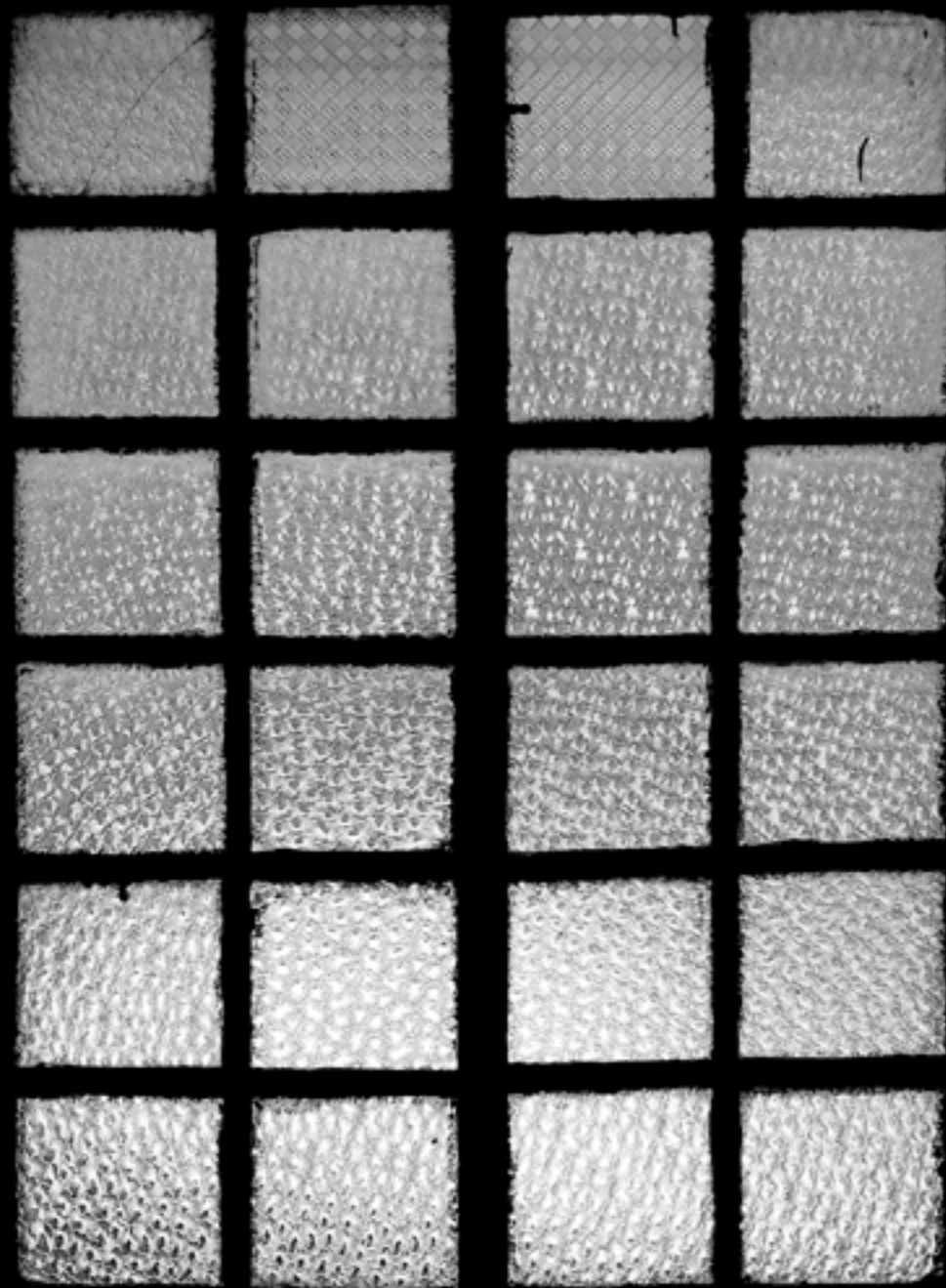
O autor João do Rio diz em seu livro *A alma encantadora das ruas* que: "As ruas pensam, têm ideias, filosofia e religião. Como tal, nascem, crescem, mudam de caráter. E, eventualmente, morrem."². Sinto-me inclinada a crer que assim como as ruas, todos os lugares também são passíveis de comparação aos seres vivos, como o autor fez no trecho acima. Por sua vez, as casas estão englobadas nesta afirmação. Mais que englobadas, são a melhor evidência para se comprovar tal teoria. Basta visitar uma vez a casa de alguém para se perceber que aquele local reflete em si as ideias, filosofia, religião e demais características das pessoas que ali residem e além destas, cada casa também carrega consigo a própria história, dados de seu nascimento, desenvolvimento, mudanças de caráter e propósito, até surgir o dia que findará sua existência porque, apesar de sustentar-se no mundo por mais tempo que nós, como tudo nesta Terra estão fadadas a eventualmente encontrar seu fim.

Durante o período de quarentena estreitei muitos laços com minha própria casa, talvez mais do que em todos os 24 anos residindo aqui. Apesar disso me lembro que durante a infância explorei bastante os cantos desse terreno, de uma forma empírica e lúdica, do ponto de vista de uma criança, para quem parece fantástico e propício a experimentações despropositadas. Agora, com um pouco mais de maturidade volto a explorar esses espaços, talvez de forma mais poética, com disposição de pesquisar mais sobre seu passado.

Em minha casa já viveram muitas pessoas, muitas das quais nem cheguei a conhecer. Meu lar já foi lar de muitos outros antes de mim. Alguns vieram pra cá bem pequenos e cresceram aqui, até o momento de saírem e darem continuidade à vida em uma nova casa, ou criarem uma casa do zero. Também há o caso de quem deu continuidade à vida desta mesma casa, sem dela sair. Outros vieram pra ela já crescidos e construíram suas histórias. Uns vieram nela morar e depois partiram, voltaram à casa, saíram e voltaram novamente, mas tiveram o fim de seus dias nela. Falando em fim, muitas pessoas viveram na casa seus últimos dias, morreram enquanto residiam na casa, mesmo que suas mortes não tenham sido exatamente nela (claro que também já houve o caso de a vida chegar ao fim exatamente em seu quintal). Já eu fiz o caminho oposto, no lugar de encerrar ciclos nela, como a maioria dos antigos moradores, nasci nesse lugar já tão cheio de história e fui construindo a minha própria história rodeada de tantas outras.

Falo em moradores da casa, mas nunca em donos, pois essa casa não possui donos. Ela pertence a ninguém e a todos ao mesmo tempo. Todos nós da família temos um pedacinho desse lugar. É uma herança, que ninguém tem coragem de clamar para si, mas também não cogitam abrir mão. Talvez por esse motivo sinto que, como tantos outros moradores fizeram durante sua estadia nela, ela também esteja morrendo.

² DO RIO, João. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia de Bolso;



O CORPO

“CORPO

cor·po

PL: corpos (ó).

ETIMOLOGIA

lat corpus, como esp cuerpo.”

Segundo o dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa Michaelis, a palavra corpo pode possuir mais de trinta significados distintos. Entre todos estes, cinco significados possuem destaque relevante para o prosseguimento dessa pesquisa. São eles:

“(…) 3- Tudo o que tem extensão e forma.

(…) 6- A parte principal de uma estrutura arquitetônica.

(…) 8- Tudo o que preenche um espaço.

9- Tudo o que tem existência física.

(…) 18- O que é provido de concretude. (…)”³

Fundamentada nessas informações considero pertinente afirmar que a casa possui um corpo. Apesar de parecer um conceito básico, essa ideia me ocorreu talvez muito tardiamente.

³ MICHAELIS **Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos Ltda. Uol. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&pala-vra=corpo>> Acesso em: 08 de janeiro de 2023.

Confrontando uma linha de pensamento focada nos habitantes da casa, assim fazendo referência a mim e minha família, fui impelida a comparar nossa moradia física, de tijolos e cimento, a nossos próprios corpos, e cheguei à conclusão de que sim, nossa casa possui um corpo assim como nós, um corpo vivo, que pulsa, sofre mudanças biológicas e, em consequência disso, perece.

Tomando consciência de que a casa é possuidora de um corpo distinto, passo a tratá-la aqui quase que como um ser animado. Então creio ser necessário distingui-la das demais casas, passando a me referir a ela como Casa, com inicial maiúscula, indicando que trata-se de um nome próprio, adequado para um ser que, como foi estabelecido, possui corpo e alma.

Sinto que a única coisa que mantém essa Casa viva é nossa estada aqui. Mesmo assim presenciamos os sintomas de sua idade avançada, rachaduras e goteiras, curtos-circuitos na fiação e camadas de tinta e massa que se desprendem das paredes. Nós seguimos penosamente tentando mantê-la, tapando um buraco aqui e ali. Mas não podemos negar: muitos remédios já não fazem mais efeito e, a não ser que de uma hora pra outra, de forma milagrosa, surjam condições de fazer essa Casa renascer das cinzas, sabemos que seu fim chegará. Entretanto, enquanto ele não vem, coube a mim o papel de registrar as partes que formam o corpo da minha – nossa – casa. Estou coletando pequenos detalhes que dão identidade a este lugar, que fazem dele quem ele é.



NASCIMENTO

Ao tomar consciência do corpo estrutural da residência, deparei-me com elementos que contam parte da história do nascimento da Casa. Elementos que agregam ainda mais significado a esse corpo que aqui dissecamos. Nessa espécie de autópsia acabamos desvendando alguns mistérios de sua anatomia.

É inevitável que não se perceba a semelhança entre o corpo da Casa com o de suas vizinhas. A forma característica da fachada é explicável devido à sua localização e período de construção. No decorrer da década de 1920 deu-se o processo de urbanização do subúrbio carioca, quando foram elaborados projetos de moradias padronizadas e de baixo custo que cumpriram o propósito habitacional para os trabalhadores da região, fato que esclarece a razão de tal semelhança entre as casas e que, por consequência, torna meu tributo tão particular mais abrangente do que o esperado.

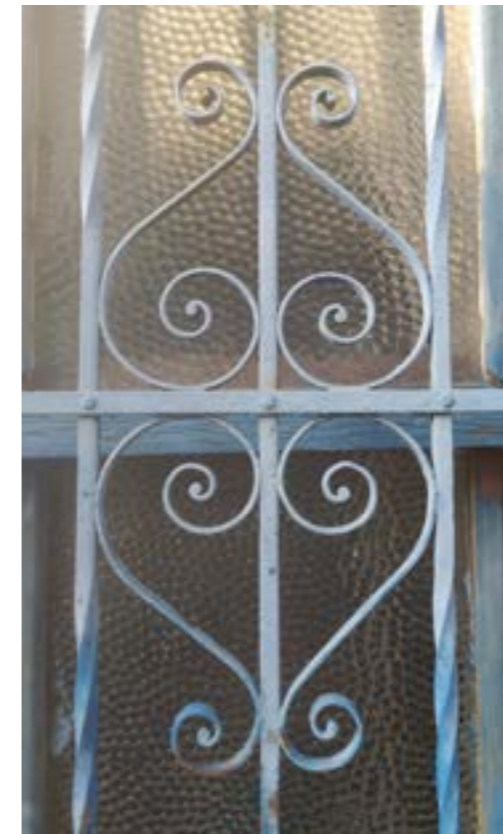
“Para esses novos bairros que se formavam no subúrbio carioca era fundamental que houvesse moradias baratas, higiênicas que proporcionassem a seus moradores “condições dignas de habitar”(…) Para tanto foram realizados projetos de casas populares que atendessem a esses requisitos.”

A chamada de uma revista da época descreve exatamente como esse projeto de residência deveria ser elaborado e, por consequência, também acaba descrevendo muitas das casas acomodadas na rua onde moro, incluindo a minha própria.

“Tais habitações deveriam ser projetadas de acordo com a legislação Municipal para essa zona, admitidas duas soluções: casa térrea e casa sobrado, com o seguinte programa: uma sala comum, três quartos de dormir, uma pequena cozinha, banho e W.C., pequeno terraço coberto (varanda) (Publicado na revista “A CASA”, agosto de 1925, no. 16).”⁴



⁴ DA ROCHA, Marcelo. **As casas populares e a formação do subúrbio carioca**. P.8. Figuras 6 a 10: : Imagens retiradas através de captura de tela usando para isso o website Google Maps, 10 de janeiro de 2021



No estudo que fiz representando a fachada da Casa e em algumas fotos de referência de minha autoria podemos observar mais algumas características que se revelaram importantes devido às suas origens.

Além do formato típico, é possível perceber o desenho da grade da janela. Contradizendo a ideia que tive dele por muitos anos, não é apenas uma escolha aleatória de padrão. O desenho trata-se de uma *Sankofa*. A *Sankofa* está relacionada aos povos *Akan*, originários da África Ocidental, faz parte de "(...) um conjunto de símbolos iconográficos de valor cultural, cujos significados são imateriais, abstratos e filosóficos. (...) significa 'voltar e apanhar de novo aquilo que ficou para trás', num sentido de aprender com o passado (com as próprias raízes) e, a partir dele, construir o próprio desenvolvimento." ⁵

A *Sankofa* é representada graficamente por um pássaro, onde é possível notar que sua cabeça está voltada para trás, na direção oposta de seu corpo, exemplificando o ato de retomar aquilo que foi esquecido. O símbolo presente nas grades é uma representação simplificada da posição deste pássaro.

Parece muito simbólico que todos esses desenhos presentes nas grades da Casa estejam tentando me dizer para revisitar o passado, buscar nele aquilo que é significativo e, a partir disso, crescer. É quase como se meu inconsciente pudesse lê-los antes que eu mesma soubesse o que significam.



Figura 11: MARIA CLARA. 313, 2022. Tinta acrílica sobre tela. 20x30cm

Figura 12: Imagem autoral.

⁵ **DOSSIÊ TEMÁTICO DO XI CONGRESSO INTERNACIONAL ARTEFATOS DA CULTURA NEGRA.** Revista África e Africanidades, Ano XIV – Ed. 38, Maio de 2021 – ISSN: 1983-2354 <<http://www.africaeaficanidades.com.br>> Acesso em 19 de janeiro de 2023. Figura 13: SANKOFA: **Tecnologia Ancestral Africana: Símbolos Adinkra.** Disponível em: <<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/tecnologia-ancestral-africana-simbolos-adinkra/>> Acesso em: 19 de janeiro de 2023

OS ROSTOS

(RESISTÊNCIA E IMPERMANÊNCIA)



Confrontada com a iminente morte de nossa tão querida Casa, evidentemente passei a tentar desvendar uma forma de adiar esse fim, buscar meios de fazer com que ela resistisse mais um pouco. Contudo, ela já vem resistindo há muitos anos. Sobreviver à passagem do tempo já é resistir por si só. Permanecer aos trancos e barrancos diante de cenários adversos é resistência.

Minha casa e os objetos que a compõem resistem e continuam por aqui. Mesmo em ruínas, sua essência permanece e essa espécie de homenagem-catálogo que venho criando aqui já é uma forma de preservá-la.

Entretanto, percebi que a Casa não é feita apenas de cômodos e objetos, ela é feita também de pessoas que apesar de não terem vivido tanto tempo quanto a Casa, ainda assim agregam mais força para fazer com que a Casa resista.

Cada um que viveu nessa casa ou que apenas a frequentou deixou um pouco de si. Essas pessoas dão estrutura ao corpo imaterial da casa tanto quanto os tijolos que a sustentam fisicamente.

Durante minha jornada exploratória pela Casa encontrei um verdadeiro tesouro: uma coleção de fotos 3x4 de várias pessoas diferentes. Algumas foram facilmente reconhecidas por mim. Outras pareceram completamente desconhecidas.

“Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória. Memória que é a de um espaço e de um tempo, memória no interior da qual vivemos, como uma ilha entre dois mares: um que dizemos passado, outro que dizemos futuro. Podemos navegar no mar do passado próximo graças à memória pessoal que conservou a lembrança das suas rotas, mas para navegar no mar do passado remoto teremos de usar as memórias que o tempo acumulou, as memórias de um espaço continuamente transformado, tão fugidio como o próprio tempo.”⁶

Este trecho do texto de José Saramago me traz uma súbita consciência de nossa impermanência como indivíduos. Encontrar tantos rostos sem histórias por trás de si me fez confrontar a realidade do tempo. Me deparei com uma gritante contradição: o fato dessas fotos (algumas com mais de 100 anos de idade) ainda existirem por aqui, conservadas e nítidas, exala uma energia de resistência, entretanto mesmo existindo esses registros fotográficos dessas pessoas, eu nunca poderia identificá-las, pois me falta a memória de quem elas um dia foram e isso traz à tona a percepção de que nada é permanente. Tudo um dia se esvai, até mesmo a memória. Principalmente a memória. Hoje, no meio dessas fotografias, sou eu quem navego pelas fugidias lembranças alheias, mas daqui a alguns anos as próprias lembranças que eu mesma deixarei se perderão no tempo.

⁶ SARAMAGO, José. **O Caderno: Palavras para uma cidade**. São Paulo: Companhia das

Um fato que me assusta de muitas formas e é muitas vezes a razão das minhas crises de ansiedade e insônia é a impermanência das coisas e o limbo que é o esquecimento. Para onde vão as memórias quando ninguém mais se lembra delas? Os rostos que ninguém reconhece mais? Os nomes que não significam absolutamente nada? Entro em uma espiral de desespero tentando encontrar onde se esconderam tantas memórias. Para reforçar ainda mais o meu pequeno paradoxo, consegui fazer alguns reconhecimentos mesmo entre tantas incertezas.

Passei a, de certa forma, criar intimidade com as imagens, ligando os rostos aos nomes e, ao encontrar novas fotos daqueles rostos agora identificados, me inundava o sentimento de familiaridade. Percebi que acabei resgatando algumas memórias de terceiros e ressignificando as mesmas.

Para exemplificar o que estou tentando dizer vou usar o caso de Adilson: encontrei uma foto de uma criança chorando, sozinha em uma rede. No verso desta foto havia escrito: “A Cecília, o Adilson com medo”. Em seguida encontrei mais fotos da mesma criança, agora identificada como Adilson, com mais 3 crianças. No verso dessa outra foto dizia: “A Cecilia, a turma toda na roça” depois mais outra com “A Cecilia, a turma novamente” e dessa forma fui juntando as informações e passei a conhecer Adilson e seus irmãos.

Apesar de ter sido capaz de fazer esse resgate, compreendi que um dia todos nós seremos desconhecidos. A memória do meu rosto e de meus familiares vai desaparecer quando não houver mais ninguém para lembrar de nós, assim como dos desconhecidos que encontrei por aqui. Devemos aceitar nossa impermanência no mundo. O esquecimento é natural e poético até, mas seria incoerente de minha parte dizer que a vaidade humana não teria espaço nessa equação. Nesse caso, minha pesquisa não teria mais sentido de prosseguir.

Rosângela Rennó é uma artista na qual encontrei uma possibilidade de diálogo dentro dessa questão da memória e do trabalho com fotografias. Ela fala sobre memória coletiva e histórica de uma forma mais política em seus trabalhos. Busca suas imagens de pessoas anônimas em fontes externas, enquanto o ponto que eu procuro ressaltar aqui são os rostos não identificados dentro da minha própria casa, quase como intrusos que imploram para que suas memórias individuais sejam adicionadas às memórias coletivas, assim perpetuando-se por mais tempo. Entretanto, nossas pesquisas se encontram na necessidade de “(...) refletir a causa do abandono de imagens por alguns; uma reflexão sobre o tempo de existência e seu esgotamento.”⁷ Como Rosemary Gondim diz em seu artigo sobre a artista. Acredito que ressignificar essas fotografias de alguma forma adia o esgotamento das imagens.

⁷ GONDIM, Rosemary Monteiro. **IMEMORIAL: fotografia e reconstrução da memória** em Rosângela Rennó. PPGS - Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/>



A família
do Adilson
com medo

A família
a turma toda
na goça.

Figuras 14 a 17: Acervo pessoal. Fotografias de Adilson e seus irmãos com as dedicatórias no verso.



Pro meus
Tios, Cecília
e Nestor, e aos
meus primos, numa
recordação da
Nancy

A' Cecilia a turma
novamente.

Figuras 18 a 21: Acervo pessoal. Fotografias de Adilson e seus irmãos com as dedicatórias no verso.

À CECÍLIA



A maior parte das fotos encontradas que possuem dedicatórias estão endereçadas à Cecília e Nestor, logo achei necessário fazer uma breve análise sobre genealogia para que fique claro quem são os donos das fotos.



Cecília e Nestor se conheceram e casaram entre as décadas de 1910 e 1920, tiveram 6 filhos, mas apenas 4 deles sobreviveram.



Dentre esses 4, a filha mais velha era Elza.



Elza se casou com Walter e teve 3 filhos, um menino e duas meninas, sendo Marcia a mais velha delas.



Marcia se Casou com Alfeu e eles tiveram 5 filhos, dois desses filhos, gêmeos, morreram ainda recém nascidos e depois deles nasceu sua filha mais velha, Fernanda, que vem a ser minha mãe.



Figuras 22 a 31: Acervo pessoal. Fotos de membros da família.

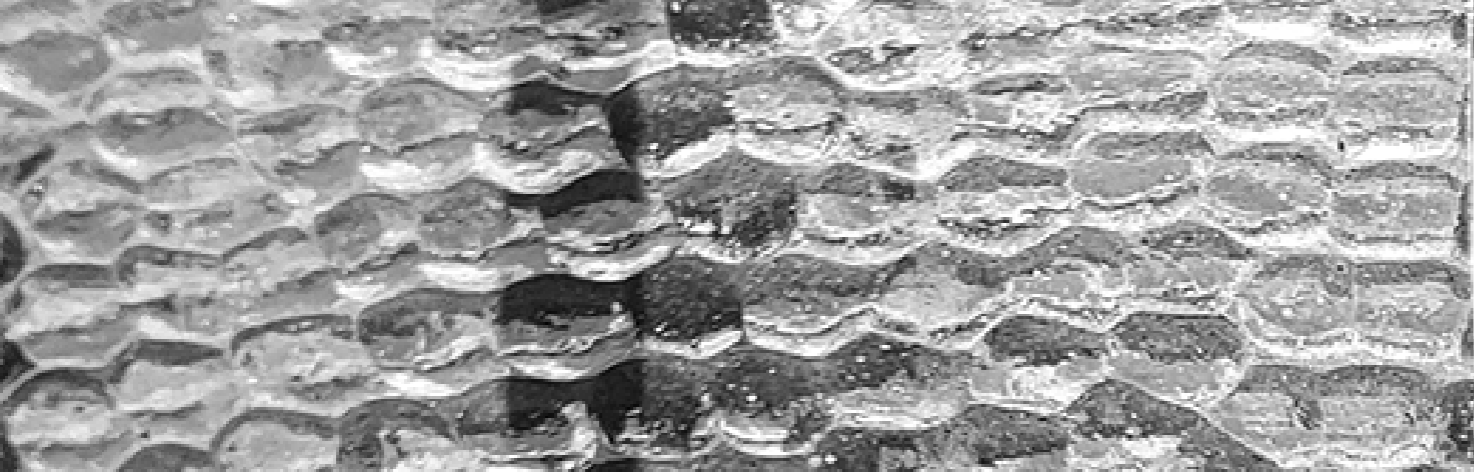
Por volta das décadas de 1930 e 1940, Cecília atuava como rezadeira no bairro de Colégio no Rio de Janeiro, tratando enfermidades de seus vizinhos e pessoas próximas, dentro da religião que praticava, o espiritismo. Seus filhos contavam que ela psicografou receitas de espíritos que em vida foram médicos, mesmo sem nunca ter sido alfabetizada. Por gratidão das famílias que atendia, recebia muitas fotografias dessas pessoas. Naquela época as fotografias eram artigos bastante valorizados por não serem de tão fácil acesso para todos. Então eram muito utilizadas como presentes e lembranças dados às pessoas por quem se nutria grande estima.

Muitas coisas de Cecília, como a maior parte de seus documentos, se perderam com o tempo, mas essas fotos foram guardadas com muito carinho por ela e acabaram passando de geração em geração, de filha mais velha para filha mais velha, até que chegassem a mim.



Figura 32: Acervo pessoal. Foto de Cecília ao lado de um de seus filhos e um amigo da família.





IMPRESÃO DIGITAL

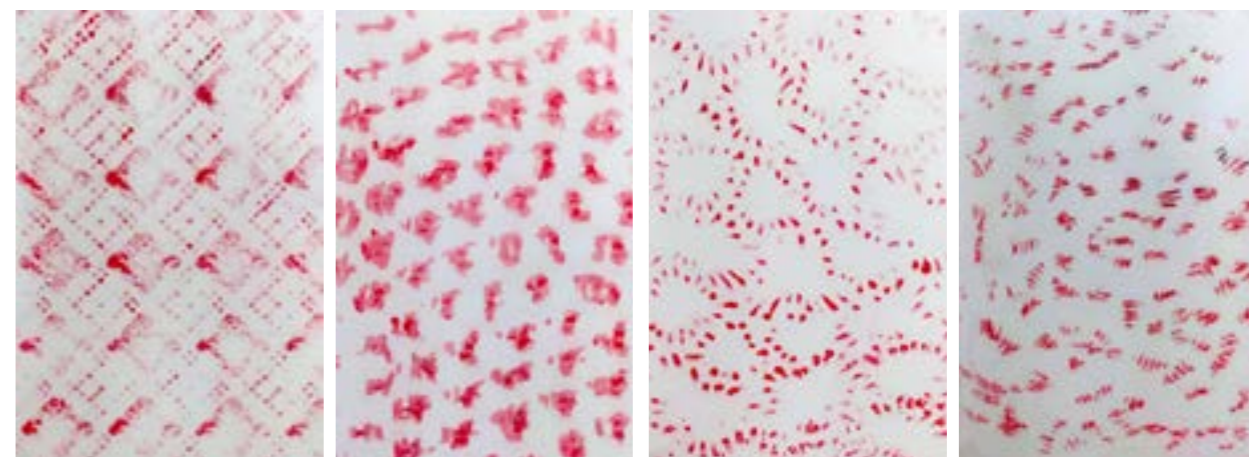
O processo criativo da presente produção artística foi idealizado de modo que as obras carregassem em sua composição os elementos da casa de forma não representativa. O intuito era ir além da representação visual figurativa porque não se fazia interessante nesse contexto que os trabalhos apenas portassem a atribuição de revelar como de fato é a construção. Sua incumbência nesse caso era servir quase como uma impressão digital, que é única em cada indivíduo, colocando a Casa nas obras como se a própria tivesse participado da produção.

A partir desse conceito tratei de pesquisar elementos chave que conferiam identidade à Casa. Fiz estudos sobre o formato de sua fachada e das residências vizinhas, comparando-os e ressaltando suas diferenças. Também desenhei uma espécie de planta baixa a partir das medidas que tirei de cada cômodo. Observei com muito cuidado as marcas de nascença e cicatrizes adquiridas ao longo do tempo e no que pode ser percebido como uma tentativa de manter aquele corpo vivo. Registrei tudo aquilo que me pareceu ter grande importância dentro de sua banalidade.

Uma das técnicas que melhor se adequa à ideia que eu desejava transmitir foi a frotagem, uma técnica muito utilizada por Max Ernst, artista alemão naturalizado francês que, resumidamente, consiste em capturar uma textura posicionando um papel sobre a textura almejada e esfregando um lápis ou bastão com cor sobre esse papel. A palavra vem do francês *frottage* e se traduz literalmente como fricção. Produzi alguns estudos utilizando essa técnica e para os demais trabalhos optei por experimentar variações da mesma.

Nos estudos apresentados a seguir foram escolhidas superfícies de vidros de diferentes texturas que fazem parte das janelas e portas da Casa.

Esses estudos deram origem a duas séries que considero muito similares em seus processos, justamente por terem se originado a partir dos estudos de frotagem. Apesar disso seus resultados finais diferem bastante entre si, imagetivamente falando, certamente por conta da escolha dos materiais. As duas foram produzidas simultaneamente, de modo que é muito difícil definir qual veio antes.



Começando pela técnica que mais se assemelha à ideia original de frotagem, trata-se de uma experimentação que mistura a frotagem com a monotipia. Nesses trabalhos trago registros de elementos da parte interior da Casa, como as texturas dos vidros utilizados nos estudos e os desenhos das grades que também pertencem às portas e janelas. O suporte escolhido foi o tecido de algodão (lona de algodão) por ser maleável, assim dando mais liberdade de movimento para fazer as impressões. A tinta utilizada foi a tinta acrílica para tecidos, visando não danificar as estruturas com manchas permanentes ou de difícil remoção. Tanto nos vidros, quanto nas grades o processo foi o mesmo: aplicar a tinta sobre o padrão que eu desejava reproduzir e pressionar o tecido sobre ele com a ajuda de uma espátula.

Figuras 34 a 37: MARIA CLARA. Estudos de frotagem, 2022. Giz de cera sobre papel.

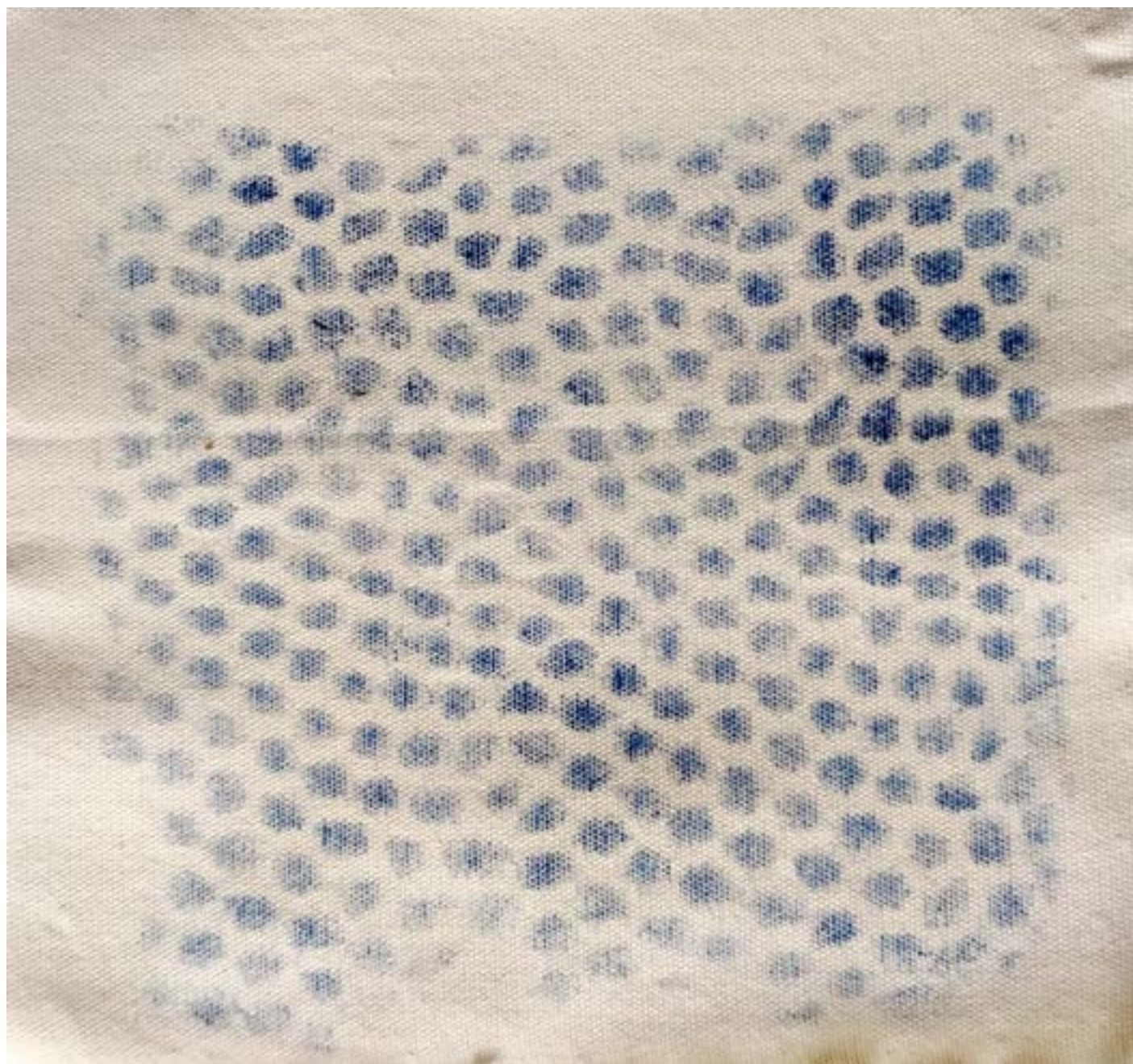


Figura 38: MARIA CLARA. Série de vidros e grades: **Martelado**. 2022. Tinta acrílica têxtil sobre algodão cru

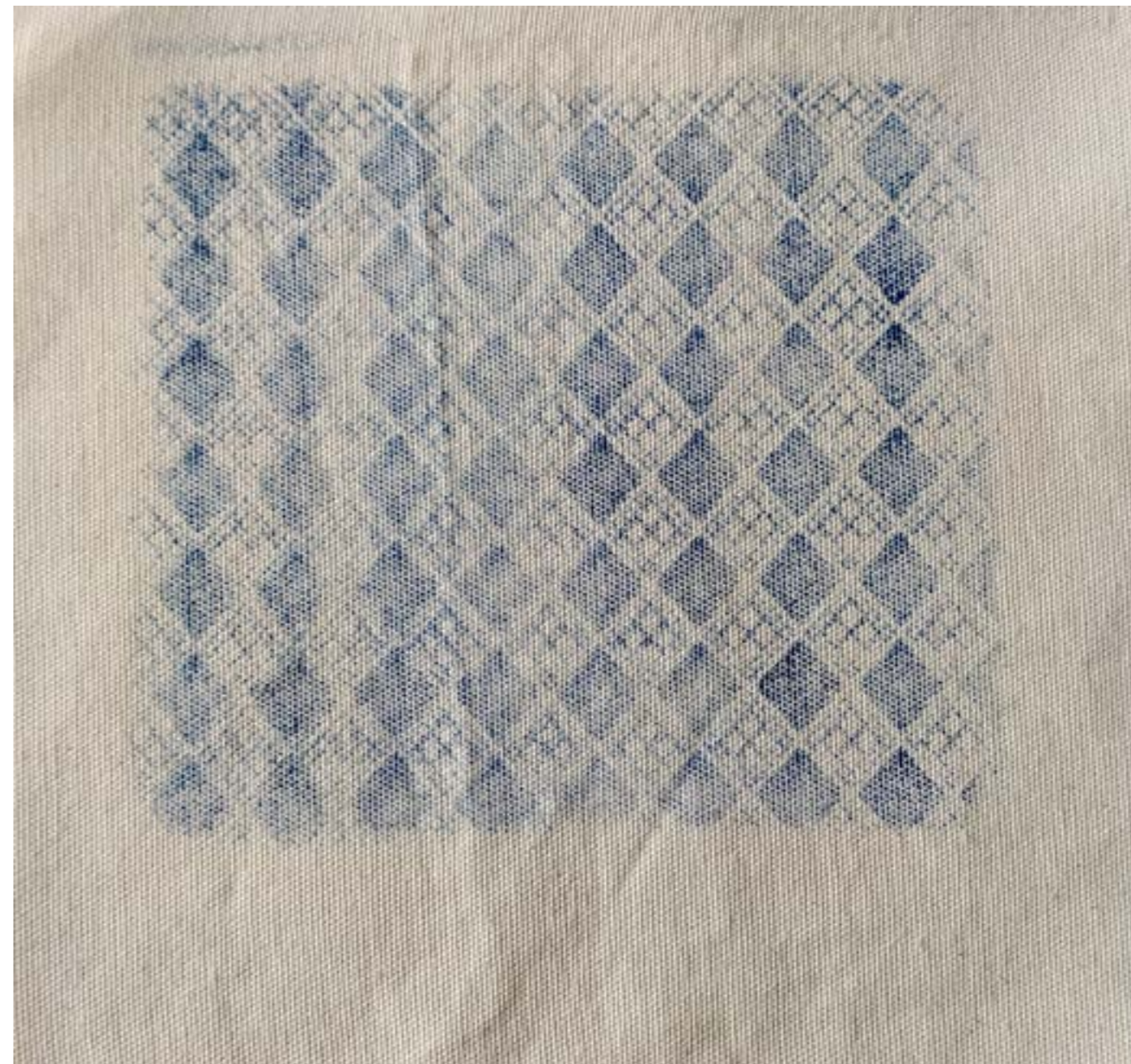


Figura 39: MARIA CLARA. Série de vidros e grades: **Silésia**. 2022. Tinta acrílica têxtil sobre algodão cru

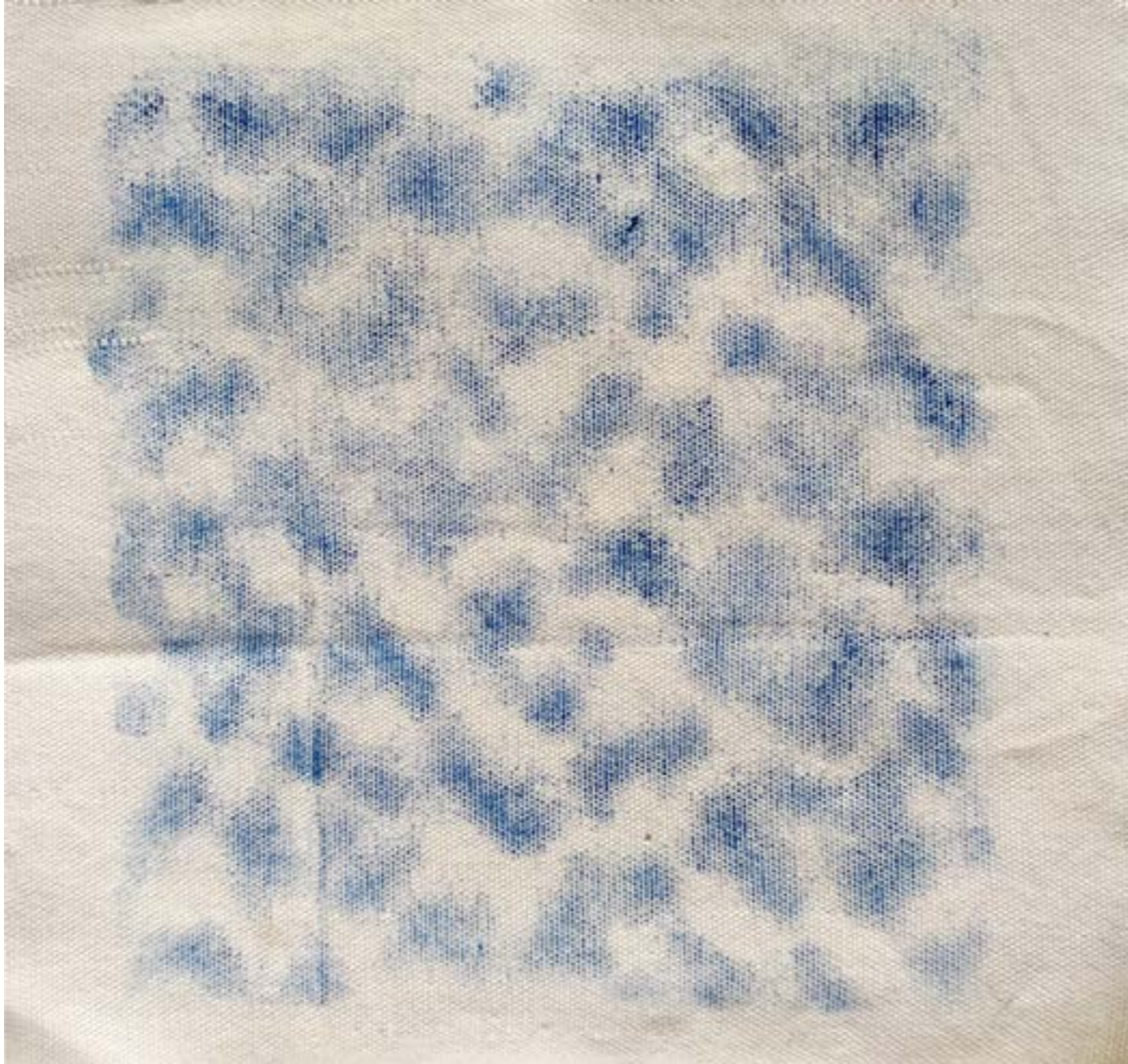


Figura 40: MARIA CLARA. Série de vidros e grades: **Ártico**. 2022. Tinta acrílica têxtil sobre algodão cru

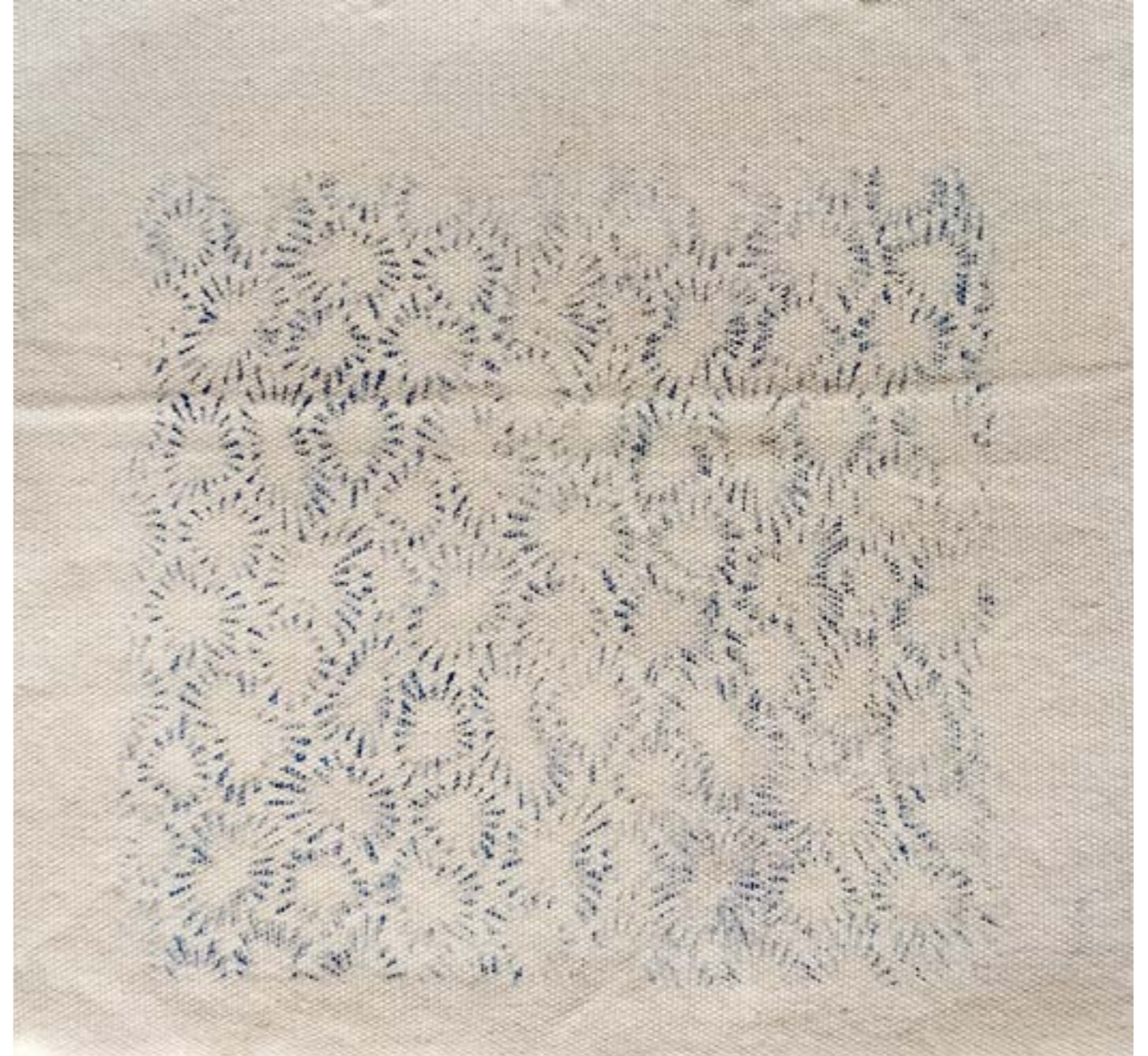


Figura 41: MARIA CLARA. Série de vidros e grades: **Cristal de gelo**. 2022. Tinta acrílica têxtil sobre algodão cru

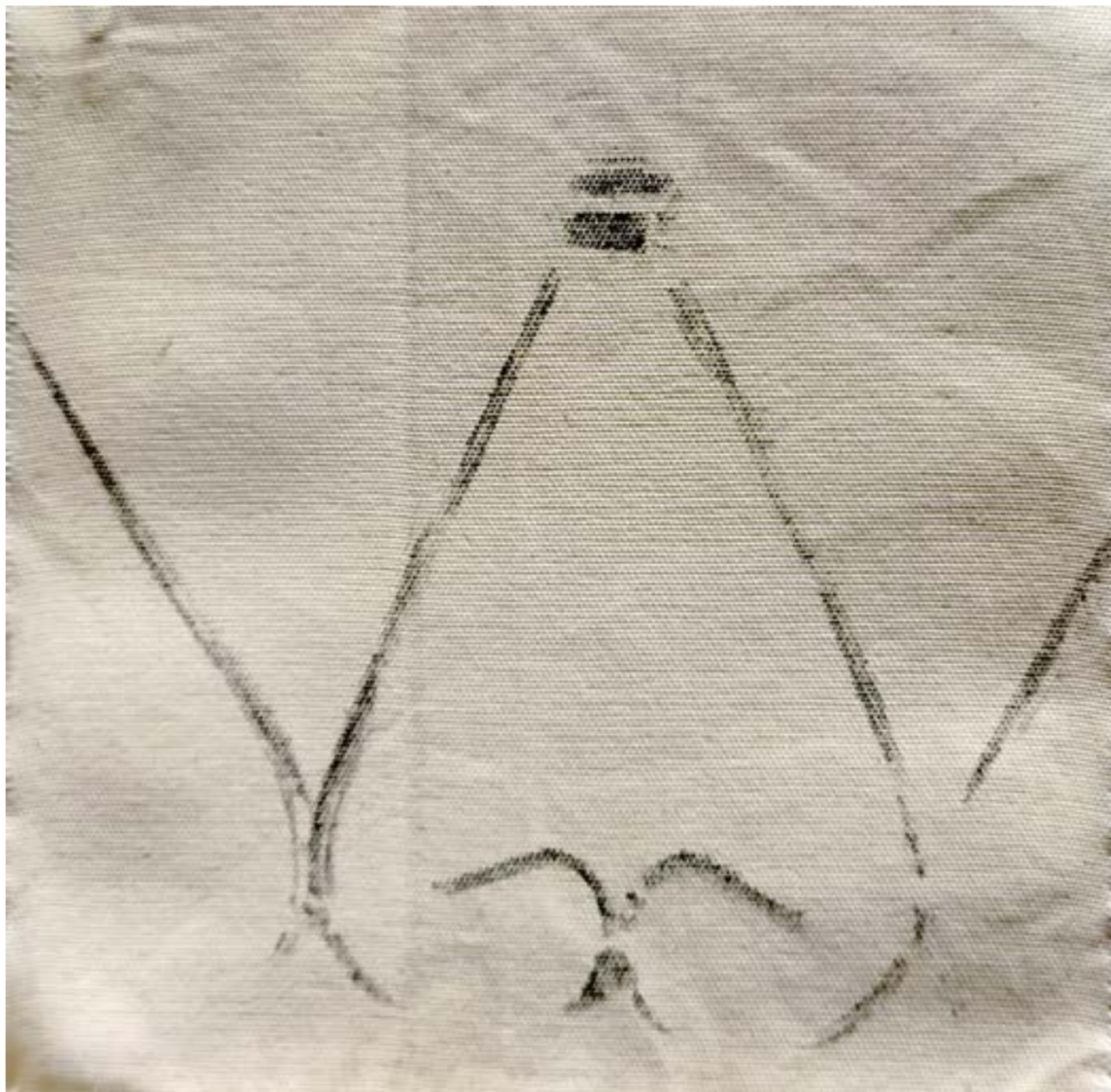


Figura 42: MARIA CLARA. Série de vidros e grades: **Sankofa**. 2022. Tinta acrílica têxtil sobre algodão cru



Figura 43: MARIA CLARA. Série de vidros e grades: **Caracol**. 2022. Tinta acrílica têxtil sobre algodão cru

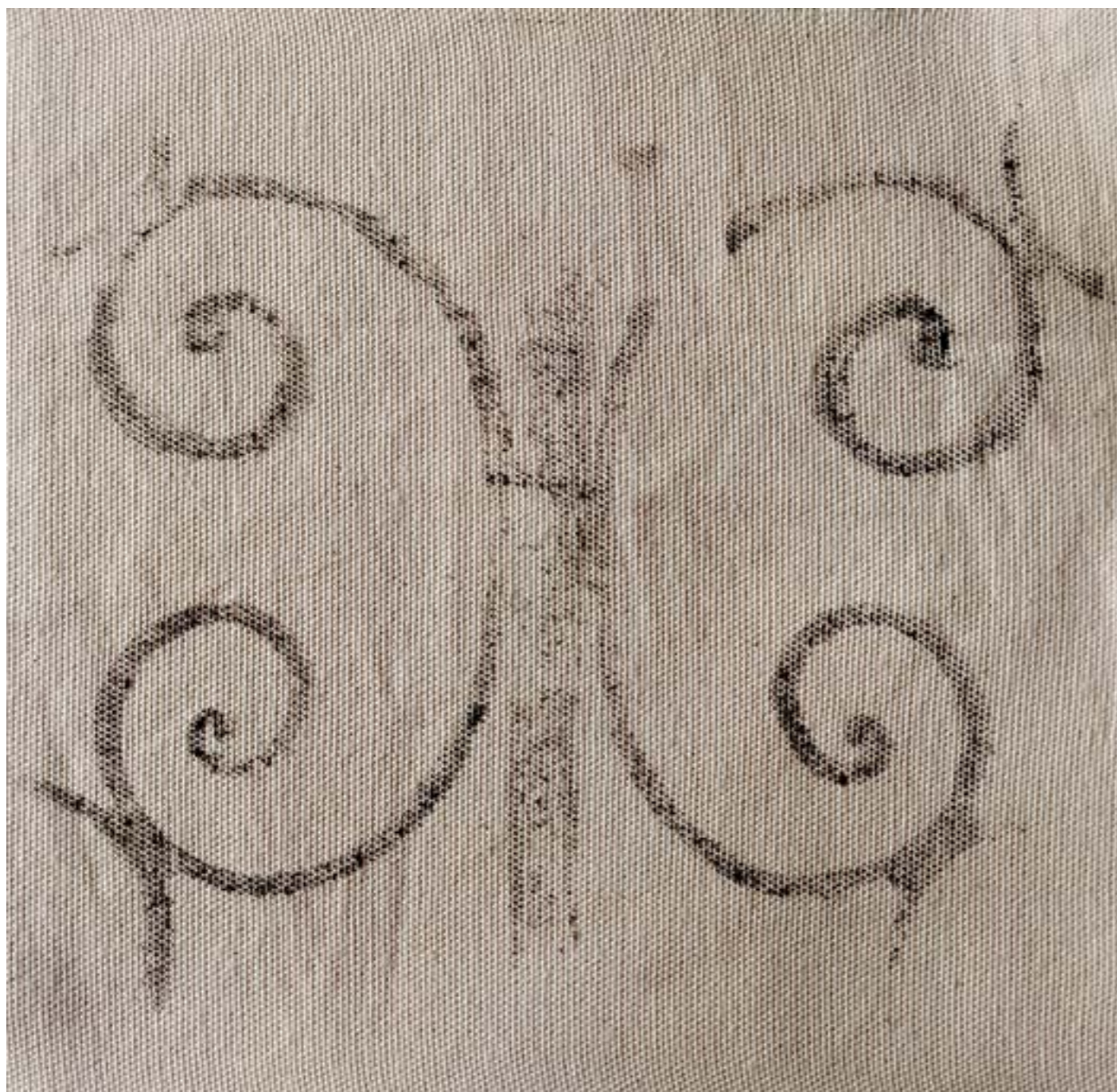


Figura 44: MARIA CLARA. Série de vidros e grades: **Borboleta**. 2022. Tinta acrílica têxtil sobre algodão cru



Figura 45: MARIA CLARA. Série de vidros e grades: **Sol**. 2022. Tinta acrílica têxtil sobre algodão cru

O segundo conjunto é o dos "Baixos-relevos" onde decidi destacar elementos do exterior da Casa. Decidi recolher folhas de algumas das plantas que temos no quintal e usá-las como uma espécie de carimbo sobre a massa acrílica, capturando seu formato e texturas. Aqui foi escolhido o compensado de madeira como suporte, cortado em pedaços pequenos, nos quais foi espalhada certa quantidade de massa acrílica e sobre essa massa foram aplicadas com leve pressão as folhas escolhidas. Após o tempo necessário para a secagem do produto, as folhas foram removidas, deixando apenas sua marca e eventuais fragmentos.



Figura 46: MARIA CLARA. Série de plantas: **Filodendro coração**. 2022. Massa acrílica sobre madeira



Figura 47: MARIA CLARA. Série de plantas: **Cheflera**. 2022. Massa acrílica sobre madeira



Figura 48: MARIA CLARA. Série de plantas: **Aroeira vermelha**. 2022. Massa acrílica sobre madeira



Figura 49: MARIA CLARA. Série de plantas: **Flor-da-fortuna**. 2022. Massa acrílica sobre madeira



Figura 50: MARIA CLARA. Série de plantas: **Amoreira**. 2022. Massa acrílica sobre madeira

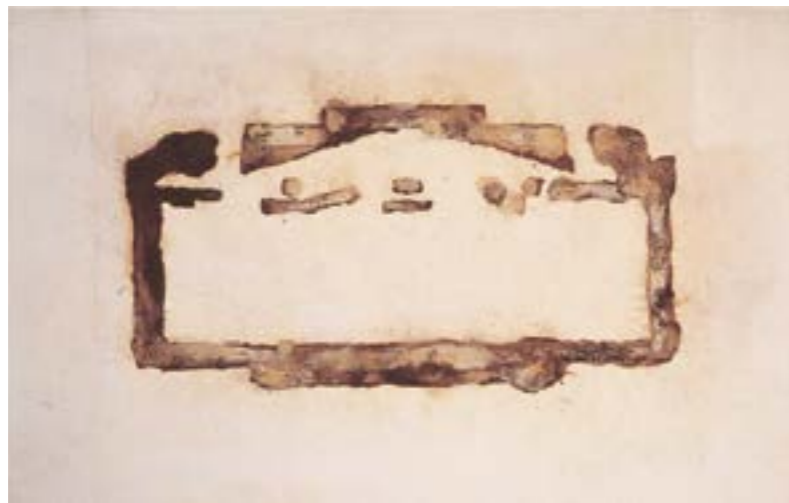


Figura 51: MARIA CLARA. Série de plantas: **Trevo de três folhas**. 2022. Massa acrílica sobre madeira



Figura 52: MARIA CLARA. Série de plantas: **Palmeira bambu**. 2022. Massa acrílica sobre madeira

Na série de pinturas Ela que não está, de Daniel Senise, o artista se apropria de uma falha na pintura em um afresco de Giotto, para a partir dali criar novas imagens: "Numa para-apropriação, ignora Ela (a obra daquele que anuncia o Renascimento) que aqui não está, para sugerir outras figuras: uma forma arquitetônica, a casa e o sudário de Giotto." (trecho do texto "Daniel Senise", de Adriano Pedrosa, publicado no catálogo da exposição do artista na Thomas Cohn Arte Contemporânea, São Paulo, em 1994).



Inspirada por este conceito, adotei a ideia de me utilizar das "falhas" arquitetônicas do corpo da Casa para assim cumprir meu objetivo de incluí-la ainda mais no meu trabalho.

Figuras 53 e 54: DANIEL SENISE. Ela que não está, 1994. <<https://www.danielsenise.com/obra/ela-que-nao-esta/>>

Uma dessas ditas falhas que mais me chama atenção na Casa são os pisos da cozinha que estão se despreendendo do chão, de modo que vemos grandes pedaços do piso apenas com a argamassa e sem nenhum azulejo por cima. Assimilado este fato, pensei em criar um trabalho que representasse essa deterioração. Então criei uma série de 3 trabalhos onde apliquei argamassa sobre compensado de madeira e posicionei as cerâmicas do piso reproduzindo o padrão existente apenas para retirá-las posteriormente. Na primeira peça, retirei por completo as cerâmicas, deixando somente a argamassa que capturou o padrão utilizado. Já no segundo trabalho repeti o processo de remover o azulejo, mas no lugar de deixar vazio, posicionei 4 peças quebradas seguindo o desenho do padrão. Entretanto, devido às peças não estarem em seu estado original, inteiras, este trabalho também contou com a presença de espaços vazios onde é possível enxergar a argamassa. Já no último compensado não retirei as cerâmicas e deixei que a argamassa secasse com elas ali, prendendo-as ao compensado e reproduzindo perfeitamente o padrão do piso.



Figura 55: MARIA CLARA. **Argamassa 1**. 2023. Argamassa e azulejos sobre madeira.



Figura 56: MARIA CLARA. **Argamassa 2**. 2023. Argamassa e azulejos sobre madeira.



Figura 57: MARIA CLARA. **Argamassa 3**. 2023. Argamassa e azulejos sobre madeira.

PARALELO DE MEMÓRIAS

Neste capítulo encontro-me de certa forma em um retorno à infância. Acredito que os versos seguintes se adequem muito bem neste ponto da pesquisa pois além de me proporcionarem discorrer sobre o tema definido para esta seção, também nos remetem à infância, fase da vida na qual criei a maioria das memórias afetivas que tenho com a casa.

“Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada

Ninguém podia
Entrar nela, não
Porque na casa
Não tinha chão

Ninguém podia
Dormir na rede
Porque na casa
Não tinha parede

Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali

Mas era feita
Com muito esmero
Na Rua dos Bobos
Número zero”⁸”

A cantiga infantil ajuda a evidenciar a ideia de que uma casa não precisa se necessariamente um espaço físico. Ao se mudarem de uma residência para outra muitas pessoas sentem uma certa melancolia, uma tristeza por estarem deixando pra trás aquele lugar onde tantos momentos foram vividos. Mas tal sentimento não provém simplesmente da casa como corpo físico, construção. Ele vem das memórias criadas naquele lugar e a memória é uma casa que não possui teto, paredes ou chão. Ela apenas existe no nosso imaginário.

Nossa casa está sempre mudando e nós só nos damos conta disso depois de passado muito tempo, quando olhamos fotografias de épocas remotas.

O trabalho a seguir consiste em uma série de fotografias comparando essas memórias da Casa. O mesmo ambiente aparece fotografado em diferentes períodos de tempo. Para isto procurei fotos antigas que mostrassem um pouco do corpo da Casa e fiz novas imagens reproduzindo o ângulo utilizado nas fotos originais. Por fim criei uma sobreposição das duas imagens onde é possível fazer um paralelo entre as memórias atuais e memórias mais antigas.

Decidi que as memórias da Casa também deveriam ter uma participação aqui e assim busquei uma forma de incluí-las, mesmo aquelas das quais não compartilhava por terem sido criadas muito antes de mim.

⁸ TOQUINHO E VINICIUS DE MORAES. A casa. Rio de Janeiro: Universal Music Group: 1972. 1:38min.



62 Figura 58: MARIA CLARA. Série Paralelo de Memórias: **Varanda**. 2023. Colagem digital.





Figura 60: MARIA CLARA. Série Paralelo de Memórias: **Quintal**. 2023. Colagem digital.



Figura 61: MARIA CLARA. Série Paralelo de Memórias: **Varanda 2**. 2023. Colagem digital.

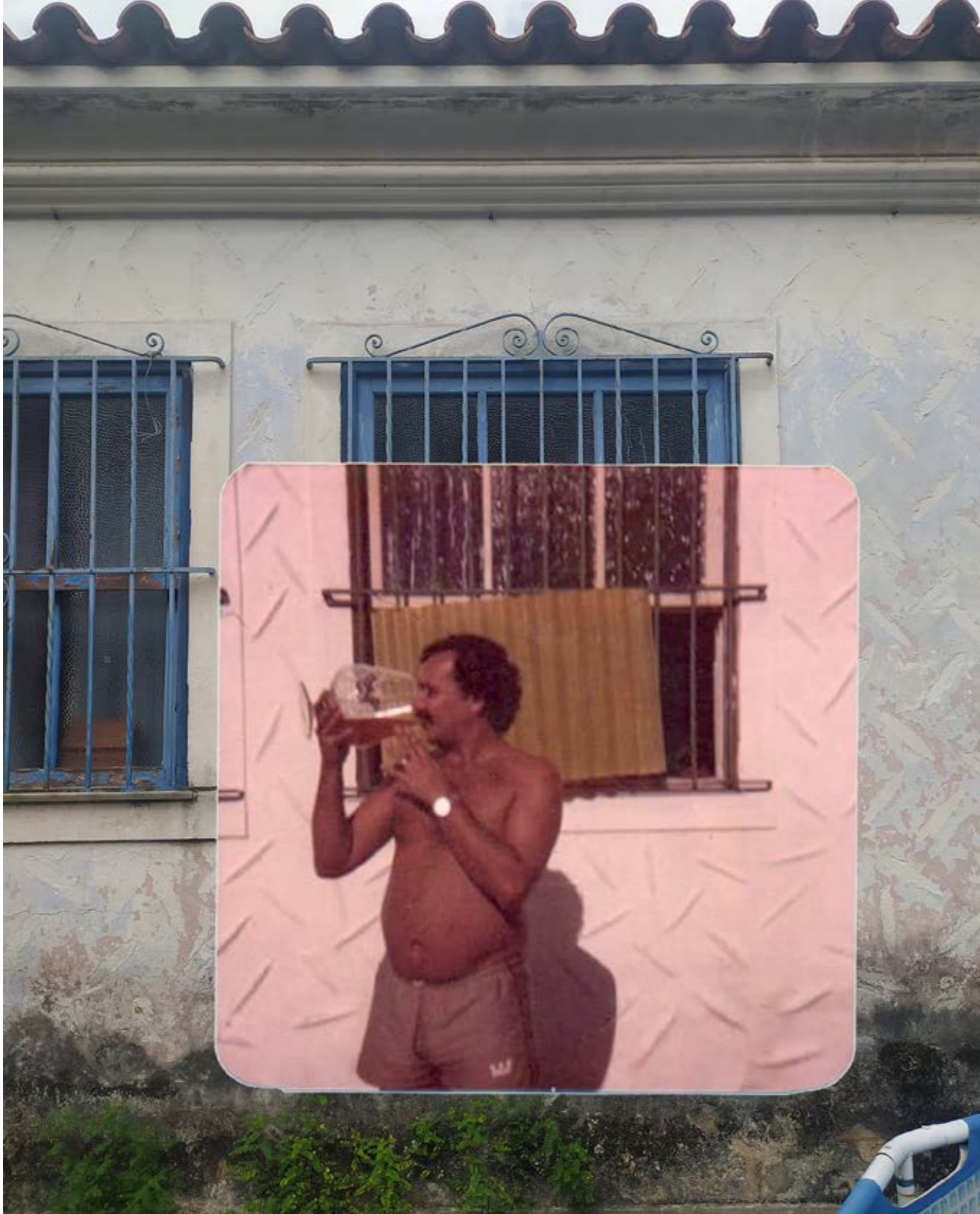


Figura 62: MARIA CLARA. Série Paralelo de Memórias: **Janela**. 2023. Colagem digital.

No livro "O ato fotográfico", Philippe Dubois fala sobre o papel da fotografia na construção da identidade individual e coletiva, fornecendo uma ferramenta visual para a exploração, reflexão e comunicação de quem somos e de onde viemos. A fotografia permite que as pessoas vejam a si mesmas e aos outros de maneiras diferentes, proporcionando uma perspectiva visual que pode influenciar a forma como elas se percebem e são percebidas pelos outros. O autor afirma que ela pode contribuir para a formação da autoimagem e para a construção de narrativas pessoais.

Tendo em mente o pensamento de Dubois, consegui perceber a relação existente entre os rostos de todos esses desconhecidos que encontrei guardados aqui na Casa. Apesar de eu não os conhecer, e do fato de que devido a sua mais provável origem (explicada no 5º capítulo, "À Cecília"), a maioria dessas pessoas também não se conheceram, eles possuem uma identidade coletiva em comum, identidade essa que os torna parte da Casa, tanto quanto os tijolos que a ergueram.

No primeiro trabalho "313" foram utilizados os retratos 3x4 que por décadas estiveram abrigados debaixo deste teto. Trata-se de uma colagem sobre madeira, onde cortei o formato da fachada típica de casa de subúrbio no compensado e coleí as fotos sobre o suporte, misturando os rostos desconhecidos com rostos conhecidos de meus familiares. Decidi misturar os dois grupos porque tomei consciência de que mesmo os rostos conhecidos para mim, são desconhecidos para as outras pessoas, o que reforça a ideia da nossa impermanência nesse mundo e nos une como um coletivo de indivíduos passageiros, mortais e esquecíveis.

Em busca de educar-me a respeito da aparência das casas da minha vizinhança, realizei estudos gráficos analisando os formatos presentes nas fachadas e, a partir desses estudos, fiz algumas tentativas de recortes no suporte de madeira até que eu estivesse satisfeita com sua representação da fachada da Casa.



Tomei a decisão de não usar as fotografias originais neste trabalho, prezando por sua conservação e também tendo em mente que a intenção era cobrir o suporte com as fotografias, e para isso eu precisaria de mais impressões do que eu tinha disponível, então criei réplicas das mesmas e das dedicatórias presentes nos versos de muitas das fotos para que todas essas memórias e faces fossem aplicadas sobre o "suporte-casa".

Figura 63: MARIA CLARA. Estudo de fachada, 2022. Digital.

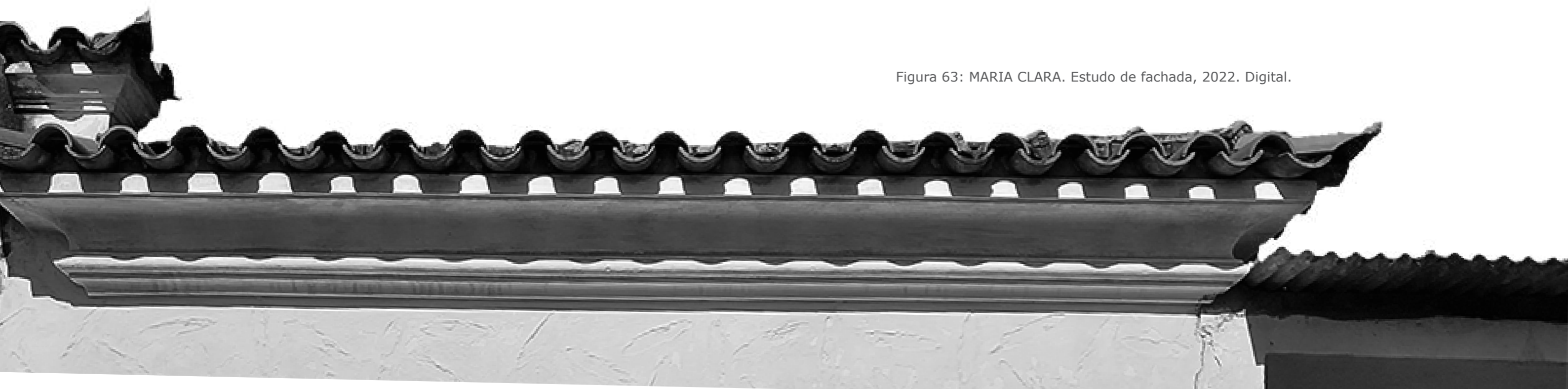
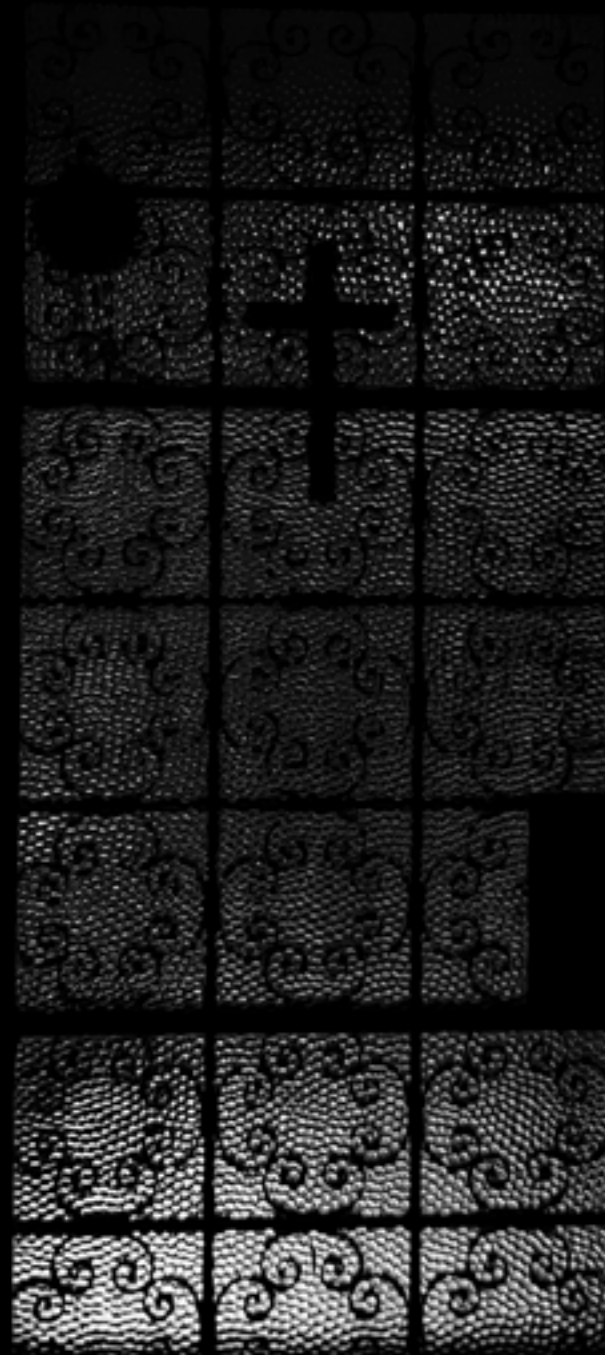




Figura 64: MARIA CLARA. 313. 2022-2023. Colagem sobre compensado de madeira.

OBJETOS ESTÉTICOS

E (QUE UM DIA FORAM) FUNCIONAIS



Na Casa dificilmente vemos algo comprado especialmente para ela. Assim como as pessoas que aqui viveram, os móveis também possuem suas memórias. O sofá já fora de um cunhado, as poltronas já pertenceram a uma tia, a mesa de jantar um dia compôs a sala de uma prima e salvo os eletrodomésticos, por aí segue essa mesma história com cada um dos móveis nela presentes. As matriarcas sempre nutriram o costume de aceitar tudo que já não servia para alguém e, assim, hoje moramos nesse quebra-cabeça de mobílias que não conversam entre si, num tipo de decoração criada pelo acaso. É uma casa que abriga memórias.

Esse trabalho tem como objetivo dar destaque a esses objetos já tão cheios de história e de certa forma "promovê-los" a objetos estéticos. "O objeto estético é a obra de arte percebida como obra de arte, ou seja, aquela que recebe a percepção merecida e que se cumpre na consciência dócil do espectador."⁹ Encontro um certo senso de justiça ao me apropriar de alguns desses móveis tão comuns e, assim como Marcel Duchamp fez com os ready-mades, contextualizá-los, dando-lhes um status de obra de arte. Escolhi destacar imagens de cadeiras e azulejos já muito gastos em uma tentativa de capturar a essência que a Casa carrega.



⁹ DUFRENNE, Mikel. *The Phenomenology of Aesthetic Experience*. Trans. Edward S. Casey; Albert A. Anderson; Willis Domingo; Leon Jacobson. Northwestern University Press, 1973, p. LII.

Figura 65: Objetos estéticos e (que um dia foram) funcionais: **Cadeiras**, 2022.



Utilizando os azulejos garimpados no quintal, resquícios da última reforma feita no banheiro principal da casa, montei composições com as cerâmicas e utilizei a argamassa para fixá-las ao compensado. Compensado este que foi cortado utilizando as proporções dos banheiros da casa em escala reduzida, para representar os cômodos dos quais um dia eles integraram.



Figura 65: Objetos estéticos e (que um dia foram) funcionais: **Azulejos**, 2022.

Figura 66: Objetos estéticos e (que um dia foram) funcionais: **Composição n1**. 2022.



Figura 67: Objetos estéticos e (que um dia foram) funcionais: **Composição n2**. 2022.



CONCLUSÃO

A conclusão inevitável, que já foi mencionada várias vezes ao longo deste texto, é que a casa está morrendo. Portanto, é justo e apropriado que sua vida seja celebrada e perpetuada em cada um dos trabalhos que compõem esta monografia.

A pandemia foi um marco que me forçou a abandonar minha pesquisa original, que se concentrava nos macroambientes da cidade, e redirecionar meu olhar para o interior da casa. Inicialmente, essa mudança de foco poderia ter sido vista como uma limitação, mas ao refletir sobre o ocorrido, percebo que foi uma oportunidade valiosa para enriquecer minha pesquisa de maneiras inesperadas. Explorar os detalhes pessoais e íntimos do ambiente doméstico adicionou uma camada de profundidade e significado à minha abordagem, conferindo um valor sentimental inestimável às descobertas que realizei.

Embora tenha avançado consideravelmente na compreensão da casa, sinto que ainda há muito a ser desvendado. Acredito de que tenho um longo caminho a percorrer ao lado dela, desvendando segredos, desenterrando histórias e revelando as múltiplas camadas de significado que ela guarda. Cada cômodo, cada objeto e cada memória têm o potencial de revelar novas perspectivas surpreendentes.

No entanto, reconheço que, eventualmente, o tema da casa pode se esgotar ou atingir seu desfecho natural. Quando esse momento chegar, estarei aberta para voltar meu olhar novamente para além das paredes familiares, para as ruas, os bairros e a cidade que me cercam. Ampliando minha perspectiva, pretendo capturar as peculiaridades e os detalhes dos diversos lugares onde vivi, procurando compreender e documentar as experiências e as nuances que moldaram minha trajetória, mesmo sabendo que isso seria um trabalho para toda uma vida, talvez até mais de uma.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. WMF Martins Fontes; 5ª edição, 2008.

COHEN, Jean-Louis. Cidade-Frotagem. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, V.22. 202014, 2020.

DA ROCHA, Marcelo. **As casas populares e a formação do subúrbio carioca**.

DO RIO, João. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia de Bolso; Edição de bolso, 2008.

DOSSIÊ TEMÁTICO DO XI CONGRESSO INTERNACIONAL ARTEFATOS DA CULTURA NEGRA. Revista África e Africanidades, Ano XIV – Ed. 38, Maio de 2021 – ISSN: 1983-2354 <<http://www.africaeafricanidades.com.br>> Acesso em 19 de janeiro de 2023.

DUFRENNE, Mikel. **The Phenomenology of Aesthetic Experience**. Trans. Edward S. Casey; Albert A. Anderson; Willis Domingo; Leon Jacobson. Northwestern University Press, 1973, p. LII.

GONDIM, Rosemary Monteiro. **IMEMORIAL**: fotografia e reconstrução da memória em Rosângela Rennó. PPGS - Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235223/28248>>. Acesso em: 13 de novembro de 2022.

MEMÓRIAS da África em ferro: A mensagem subliminar esculpida em antigos portões. **Todos Negros do Mundo**, 2016. Disponível em: <<http://todosnegrosdomundo.com.br/memorias-da-africa-em-ferro-a-mensagem-subliminar-esculpida-em-antigos-portoes/>> Acesso em: 19 de janeiro de 2023.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos Ltda. Uol. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=corpo>> Acesso em: 08 de janeiro de 2023.

OBRAS. **Daniel Senise**. Disponível em: <<https://www.danielsenise.com/obra/ela-que-nao-esta/>> Acesso em: 13 de novembro de 2022.

PIVA, Marcia Helena. **Anselm Kiefer: paisagem, memória e ruínas nas Megalópolis**. VI EHA - ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE - UNICAMP, 2010. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2010/marcia_helena_girardi.pdf>

Acesso em: 19 de janeiro de 2023.

Ready-Made. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5370/ready-made>> Acesso em: 13 de novembro de 2022.

SANKOFA: significado desse símbolo africano. **Dicionário de símbolos: significado dos símbolos e simbologia**. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/>> Acesso em: 19 de janeiro de 2023.

SARAMAGO, José. **O Caderno: Palavras para uma cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SIMAS, Luiz Antônio. **O corpo encantado das ruas**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

Tecnologia Ancestral Africana: Símbolos Adinkra. Espaço do conhecimento UFMG. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/tecnologia-ancestral-africana-simbolos-adinkra/>> Acesso em: 19 de janeiro de 2023.

